

INTERAÇÃO ESCOLA-EMPRESA - VOL 3

(Agosto/1998)

EDITORIAL:

Eden Januário Netto

É com extrema satisfação que participo deste número da Revista Educação & Tecnologia, versando sobre o tema interação escola-empresa, cuja edição coincide com as comemorações dos 60 anos da Confederação Nacional da Indústria, entidade que tem colaborado e motivado a aproximação desses dois setores da sociedade. No entanto, sinto-me limitado na capacidade de abordar o assunto com a abrangência e as inúmeras nuances trabalhadas pelos especialistas e estudiosos da área, como os artigos apresentados nesta Revista. Por outro lado, como professor e gestor de inúmeros projetos com empresas, imagino que posso contribuir com minha modesta experiência, particularmente nos aspectos operacionais.

Em meados dos anos 80, na condição de aluno de mestrado em Engenharia Elétrica, na UNICAMP, tive a primeira oportunidade de uma experiência efetiva de interação escola-empresa. Como um dos projetos pioneiros naquela Universidade, buscamos identificar como tese de mestrado um tema que atendesse as exigências do rigor acadêmico e, ao mesmo tempo, tivesse o interesse do setor hospitalar, no caso, incluindo um fabricante. A metodologia então adotada foi diferente em relação ao padrão exercido, em que os temas de pesquisa aplicada nos programas de áreas tecnológicas eram quase sempre identificados a partir de uma intensa busca em artigos de periódicos internacionais e/ou anais de eventos técnico-científicos, cuja validade é no mínimo discutível, dada a realidade nacional. Reconhecendo o empenho dedicado pelas instituições (universidade, agência de fomento e empresa) e pesquisadores envolvidos, a dificuldade no repasse da tecnologia desenvolvida foi comparativamente maior ao desafio técnico do projeto propriamente dito, fundamentalmente pela carência de uma metodologia explícita.

De lá pra cá, as mudanças foram intensas, em particular no CEFET-PR, uma instituição de ensino e pesquisa tecnológica. Com uma diretoria especialmente dedicada à interação com o meio empresarial, um padrão definido e uma cultura enraizada, a Instituição acumula uma experiência significativa em projetos em parceria, com quase uma centena em andamento.

Para as empresas, o cenário atual é mais desafiador, pois o gradiente evolutivo da ciência e da tecnologia, os fatores inerentes de um mercado globalizado e uma clientela cada vez mais exigente vêm impondo severos desafios aos seus produtos e serviços. A busca contínua desses patamares de competitividade é questão de sobrevivência e implica na atuação da empresa além de suas áreas consideradas típicas, como produção e vendas. Nesse contexto, por exemplo, a gestão tecnológica, via procedimentos de vigilância, é essencial como elemento sinalizador da evolução em sua área de atuação.

As instituições de ensino e pesquisa tecnológica, por sua vez, têm a função principal de geração e difusão de conhecimentos para a sua comunidade, através dos inúmeros cursos ofertados e projetos de pesquisa. Com recursos humanos qualificados e infra-estrutura dedicada, tais instituições têm forte tradição e competência na implementação das fases de fundamentação e execução de projetos tecnológicos. Semelhantemente às empresas, o panorama atual exige uma atuação abrangente também da instituição, incorporando novos conhecimentos e informações estratégicas para a atualização curricular, formação discente e, em muitos casos, manutenção de suas atividades.

Num raciocínio simplista e imediato infere-se que, nas inúmeras fases de um projeto desde a idéia até o mercado, as instituições de ensino e pesquisa apresentam características adequadas ao desenvolvimento das fases iniciais, enquanto que as empresas possuem capacitação fortemente orientada para as fases terminais. Respeitado e preservado suas identidades, buscando sempre a complementariedade, o trabalho conjunto traz inúmeros benefícios.

Para as instituições acadêmicas, têm sido uma alternativa importante na busca de recursos financeiros para o financiamento de bolsas de estudos, aquisição de equipamentos e material de consumo; montagem de laboratórios e formação de grupos de pesquisa multidisciplinares e, sobretudo, como fonte de informações e de aprendizado, indispensáveis para a atualização e aprimoramento do ensino e da pesquisa institucional. Para as empresas, tais parcerias têm possibilitado a formação de pessoal especializado, a incorporação de novas tecnologias aos produtos e processos, o compartilhamento dos custos e a complementação de sua capacidade de pesquisa e desenvolvimento.

Entretanto, as parcerias escola-empresa não ocorrem casual e facilmente, pois existem inúmeros fatores que dificultam ou até impedem tal aproximação, desde aspectos filosóficos até operacionais. Assim, é fundamental a existência de agências promotoras destas parcerias, como elemento estimulador, seja interna à Instituição, como a Diretoria de Relações Empresariais do CEFET-PR, ou externa, como o UNIEMP.

Decidido pela aproximação, o primeiro passo é o conhecimento das características do parceiro, seus paradigmas, sua política de atuação, seus valores e seus objetivos, como base de sustentação para um relacionamento profícuo. Neste particular, em breve, deveremos instituir no CEFET-PR um ciclo de palestras dedicado à comunidade interna visando instrumentalizá-la em aspectos gerenciais de projetos empresariais. De forma correlata, as empresas deveriam ter a mesma preocupação.

Operacionalmente, o setor empresarial é objetivo quanto ao desenvolvimento de atividades de interação escola-empresa, através de propostas e projetos bem elaborados, cujos resultados sejam previsíveis e mensuráveis, dentro de regras contratuais claras e objetivas. Além disso, dentro de um cenário competitivo, as empresas têm ainda a opção de selecionar a instituição de ensino e pesquisa que melhor atenda a suas necessidades. Nesse particular, a visão empresarial é, principalmente, balizada pela formação discente fornecida pela instituição, percebida através dos estágios e/ou egressos. Uma avaliação positiva estende a competência para os seus docentes e, em decorrência, para a instituição como um todo, numa espécie de credenciamento.

Do lado acadêmico, é fundamental entender o papel exercido pelo aluno ou egresso, como elemento básico para o processo de interação. Após isso, os seus servidores devem selecionar e implementar projetos que agreguem conhecimentos, elevando o nível pessoal de aprendizado e, por conseguinte, institucional. Devem, também, identificar os nichos de mercado interessados em sua área de competência, além de buscar, se necessário, conteúdos em áreas gerenciais, metodologias de acompanhamento, avaliação dos serviços prestados e satisfação do cliente. Por fim, o sucesso dos projetos com empresas exige a indissociável competência técnica e gerencial do gestor do projeto, evidenciada nas fases de elaboração, negociação da proposta, execução e avaliação.

"The last but not the least" é o recurso financeiro para a operacionalização dos projetos, seja a fundo perdido ou subsidiado, que representa em torno de 75% dos valores movimentados pelo CEFET-PR, anualmente. O principal mecanismo é a Lei de Informática, totalizando quase 65% do montante. Com vigência até 1999, a sua não reedição provocará um impacto negativo sem precedentes nos projetos em parceria, desestruturando inúmeros núcleos de pesquisa, em diversas universidades brasileiras. O programa PATME (SEBRAE /FINEP), por sua vez, contempla com recursos da ordem de 10% do total, voltado ao atendimento de micro e pequenas empresas. Nos projetos PATME, tipo B (Inovação), nossa Instituição ocupa quantitativamente a liderança nacional.

Por fim, colocamos à disposição a estrutura e experiência da Diretoria de Relações Empresariais do CEFET-PR, como fonte de subsídios para interessados, agradecemos o apoio da Confederação Nacional da Indústria e esperamos que outros veículos, como este, possam abordar um tema tão rico e multifacetado como a interação escola-empresa.